

**LÍNGUA E MARGINALIDADE:  
UM BREVE ESTUDO DO PRECONCEITO DE LINGUAGEM**

*Isis Maia de Almeida* (UNIGRANRIO)  
[prof.isis\\_maia@yahoo.com.br](mailto:prof.isis_maia@yahoo.com.br)

**RESUMO**

O presente trabalho analisará o preconceito linguístico e a constituição das identidades, explorando como a linguagem fora dos padrões se torna um estorvo para muitos falantes, causando sua exclusão. Existem inúmeros tipos de preconceito, porém o preconceito linguístico é um dos mais vivenciados e menos explorados. A literatura é importante para dar exemplos de como o preconceito linguístico atinge as pessoas, as levando, muitas vezes à marginalidade. Lima Barreto é considerado um escritor da literatura marginal e foi vítima de preconceito por conta da sua cor e classe social. O escritor do início do século XX já rompia com as formas literárias da época em que vivia, trazendo novas temáticas e empregando em seus textos a linguagem coloquial, opondo-se à linguagem dominante na literatura. O escritor foi muito criticado pelos literatos da elite por trazer outras possibilidades e direcionamentos para a literatura. Como um trabalho interdisciplinar, pensou-se em aproximar a questão do preconceito e de identidade em meio à dinâmica excludente e líquida da pós-modernidade e mostrar o olhar de diferentes autores sobre essas questões. Dialogar-se-á com a literatura partindo do fato de que Lima Barreto já se preocupava e sofria com essa questão.

**Palavras-chave:** Linguagem. Marginalidade. Identidade.

**1. Considerações iniciais**

O presente trabalho refletirá sobre o preconceito de linguagem e a constituição das identidades, explorando como a linguagem fora dos padrões se torna um estorvo para muitos falantes, causando sua exclusão. Dialogar-se-á com a literatura, partindo do fato de que vários autores como Lima Barreto, considerado um ícone da literatura marginal, já se preocupavam e sofriam com essa questão. Como um trabalho interdisciplinar, pensou-se em aproximar questões da linguagem, preconceito e

identidade em meio à dinâmica excludente e líquida da pós-modernidade e mostrar o olhar de diferentes autores sobre essas questões.

No decorrer da história do povo brasileiro, desde a colonização de Portugal até a contemporaneidade é possível observar uma forte inclinação da sociedade em absorver os preconceitos culturalmente criados por grupos que se intitulam melhores e por isso oprimem os demais com a força negativa do discurso ou até mesmo com atitudes desumanas. O preconceito tem sua gênese nas práticas etnocêntricas, atitudes facilmente percebidas em determinados grupos sociais que apresentam seus hábitos culturais superiores a cultura alheia, de maneira a menosprezar e destacar de forma equivocada as diferenças entre os povos e limitando-se a considerar seu modo de viver uma referência para os demais. Marcos Bagno diz que “O preconceito é algo que nasce de dentro de uma pessoa que vive em determinado ambiente cultural. Esse ambiente reflete uma realidade vivida, seja no passado, seja no presente” (BAGNO, 2013, p. 49 e 50). Existem inúmeros tipos de preconceito, porém um dos mais vivenciados e menos explorado é o preconceito linguístico, a língua portuguesa também sofreu e continua sofrendo muitas transformações e nem sempre elas são bem aceitas no universo acadêmico, a língua é viva, portanto as mudanças são inevitáveis. A sociedade se depara com alguns mitos em relação à língua portuguesa, será que no Brasil só se fala uma língua, o português? E as variações linguísticas que espaço elas ocupam na sociedade? O que é falar certo? Existe “certo” e “errado”? Essas e outras questões serão refletidas ao longo do trabalho, também com base em questionamentos apontados por Marcos Bagno, em sua obra *Preconceito Linguístico: O que É, Como se Faz*.

No início do século XVI, os portugueses chegaram a este continente e depois impuseram a sua língua como oficial, desconsiderando a linguagem dos indígenas, os verdadeiros ocupantes deste território. Com a fusão das raças ao longo deste século, a miscigenação foi inevitável, tornando ainda mais complexa à língua imposta como oficial, a língua portuguesa. A diversidade cultural existente no povo brasileiro é resultante das contribuições interétnicas tornando o português brasileiro ainda mais rico em suas variações. Com o processo de deslocamento interno a partir da década de 40 e ao longo do século XX, em direção às grandes capitais do Sudeste, do Centro-Oeste e do Norte, as variações linguísticas passaram a fazer parte do cotidiano desses povos que aceitaram esta diversidade como parte integrante da língua local. Entende-se então que a língua faz parte do processo de vida do homem, por isso o indivíduo

também pode ser representado por aquilo que fala, o ser humano busca com ela significados e maneiras de expressar pensamentos, ações e sentimentos vividos. Toda língua apresenta variações de uso ou mesmo estruturais, devido às diferenças regionais, etária, social entre outras também passivas de preconceito. Nesta perspectiva, pode-se dizer que existem algumas variedades do português, a variedade padrão é considerada um modelo efetivo e nobre utilizado por escritores, autoridades, por grupos sociais de prestígio, e é a ensinada no ambiente escolar simplificando e excluindo a realidade global em que vivemos, e a variedade não-padrão é usada principalmente por pessoas de classes pobres e está presente muitas vezes nas periferias. Sabe-se que a utilização da linguagem não-padrão é desvalorizada pelo saber acadêmico e essa exclusão atinge a vida e a identidade de muitas pessoas. A linguagem se tornou um instrumento de poder, afastando cada vez mais os diferentes grupos sociais, deixando as classes desprestigiadas à margem da sociedade. Entende-se que a maneira de falar do homem também tem influenciado em suas relações no mundo, o homem tem sido substituído facilmente, portanto descartado, assim como o lixo.

Este trabalho também analisa as identidades em meio ao dinamismo da modernidade e da sua transição para a pós-modernidade dialogando com o capitalismo e a globalização, tornando ainda mais complexa as relações humanas e suas transformações no cotidiano. A globalização veio para tornar as relações humanas mais simples e acessíveis ou excluir? O ser humano se tornou prático e as relações afetivas ficaram frágeis e distantes, as incertezas e angústias se tornam características do sujeito moderno que tenta encontrar sua verdadeira identidade mesmo com as imposições e regras socioculturais existentes.

A literatura é importante para dar exemplos de como o preconceito de linguagem atinge as pessoas, as levando, muitas vezes à marginalidade. Lima Barreto é considerado um escritor da literatura marginal e foi vítima de preconceito por conta da sua cor e classe social. O autor dedicou-se através de suas obras ao combate as discriminações sociais e trouxe os subúrbios cariocas, os dramas, conflitos e dificuldades vividos pela população excluída para o centro de seus livros, a fim de se aproximar mais do povo. Lima Barreto rompeu com as formas literárias da época em que vivia, trazendo novas temáticas e empregando em seus textos a linguagem coloquial, opondo-se a linguagem dominante na literatura. Lima Barreto foi muito criticado pelos literatos da elite por trazer outras possibilidades e direcionamentos para a literatura.

## 2. Mitos e paradigmas da língua portuguesa

Marcos Bagno, nascido em 21 de agosto de 1961 e mineiro de Cataguases é doutor em filologia e língua portuguesa pela Universidade de São Paulo e professor do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Dentre suas habilidades, é um escritor bastante diversificado, suas obras contribuem para a nossa literatura e para os livros didáticos. Com diversas premiações e mais de trinta livros publicados, *Pesquisa na Escola: O que É Como se Faz* (1998), *A Norma Oculta: Língua e Poder na Sociedade Brasileira* (2003), *A Língua de Eulália: Novela Sociolinguística* (2006), entre outros, participa efetivamente das questões levantadas sobre o ensino da língua portuguesa no Brasil. Na obra *Preconceito Linguístico: O que É, Como se Faz* (1999), o autor critica e reflete sobre os mitos do preconceito linguístico com o propósito de desfazer ideias contra esse preconceito vivenciado em nosso cotidiano, muitas vezes de maneira imperceptível. O autor caracteriza o preconceito linguístico como “invisível”, pois poucas pessoas estudam ou reconhecem a existência desse problema, tornando-o mais poderoso.

Bagno apresenta os seguintes mitos: “O Português do Brasil apresenta uma unidade surpreendente”, “Brasileiro não sabe português/Só em Portugal se fala bem português”, “Português é muito difícil”, “As pessoas sem instrução falam tudo errado”, “O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão”, “O certo é falar assim porque se escreve assim”, “É preciso saber gramática para falar e escrever bem” e “O domínio da norma-padrão é um instrumento de ascensão social”. Nesta análise Marcos Bagno apresenta uma grande preocupação sobre essas falsas ideias, pois até os estudiosos e intelectuais se deixam equivocar por falsas ideologias.

O preconceito linguístico é danoso para a educação quando não distingue a pluralidade do “português brasileiro”, estabelecendo a norma culta como superior ou comum a todos os falantes dentro do ambiente escolar. É possível observar que a educação de boa qualidade no país ainda não é para todos deixando uma grande parte da população sem oportunidade de conhecer todas as formas do uso do português brasileiro. O Brasil é um país riquíssimo, porém esta riqueza está condensada nas mãos de uma pequena parcela da sociedade brasileira e essa grande diferença socioeconômica expõe uma grande exclusão dos falantes das variedades estigmatizadas, os moradores das zonas rurais e periferias, analfabetos e pobres, deixando-os à margem das variedades privilegiadas. O

país possui mais de duzentas línguas distintas, pois sofreu influências de outras línguas, indígenas, africanas, europeias e asiáticas e se tornou plural através de suas variações. Observe o que Bagno fala:

O fato é que, como a ciência linguística moderna já provou e comprovou, não existe nenhuma língua no mundo que seja “una”, uniforme e homogênea. O monolinguismo é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente, heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico etc.) e em todos os seus níveis de uso social (variação regional, social, etária, estilística etc.). (BAGNO, 1999, p. 27 e 28).

A diversidade linguística já foi reconhecida pelos órgãos responsáveis pela educação do Brasil, assim em 1998 foi publicado nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN) que “[...] quando se fala em ‘língua portuguesa’ está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades” (BAGNO, 1999, p. 35). Um importante passo foi dado, agora é necessário que essas constatações sejam incluídas no dia a dia dos cidadãos, inclusive através dos meios de comunicação, que são os principais propagadores dos mitos desse e de outros preconceitos.

O autor expõe a ideia de inferioridade que o brasileiro tem de si e de sua língua e o sentimento que traz ao longo da história de ainda sermos colônia de Portugal. Esse pensamento equivocado é passado ao longo das gerações através do ensino da gramática tradicional nas escolas, gerando efeitos negativos para a sociedade.

No que diz respeito ao ensino do português no Brasil, o grande problema é que esse ensino até hoje, depois de mais de cento e setenta anos de independência política, continua com os olhos voltados para a norma linguística de Portugal. (BAGNO, 1999, p. 42).

Essa ideia de que brasileiro não sabe português é completamente sem fundamento, o brasileiro conhece sua língua materna, pois nasceu e cresceu aqui enquanto os portugueses também sabem o português deles. A língua e suas variações são criadas para atender as necessidades linguísticas de seus falantes, pois a necessidade de cada país também é distinta uma da outra.

O ensino do “português brasileiro” sempre se baseou nas regras gramaticais de Portugal e o jeito que internalizamos as regras na escola, em grande parte, não se adéqua ao uso cotidiano da língua que é falada e escrita no Brasil. O conceito de “saber português” para muita gente é saber nome de termos e orações, excluindo os valiosos recursos que a língua nos oferece. O autor declara que: “Todo falante nativo de uma língua

sabe essa língua, na concepção da linguística moderna, significa conhecer intuitivamente e empregar com facilidade e naturalidade as regras básicas de funcionamento dela”. (BAGNO, 1999, p. 51)

A suposta ideia de que português é difícil é mais um instrumento criado pelas instituições políticas para afastar e bloquear o acesso ao poder que a língua proporciona. Do mesmo modo que o preconceito linguístico está presente em específicas classes sociais, as variações regionais também são bastante ironizadas e criticadas, principalmente nos meios de comunicação, que com seu grande poder e influência retratam o nordestino nas novelas como rude, pobre, engraçado e se tornam motivos de deboche. Qualquer maneira de se expressar linguisticamente que fuja da forma “ideal” escola-gramática-dicionário é visto como feio e errado, uma visão preconceituosa e presente em nossa sociedade. Não se deve condenar nenhuma forma linguística, e sim valorizá-las, pois a língua que hoje é criticada pode ser a língua de prestígio amanhã. Segundo Bagno não existe nenhum tipo de variação linguística “mais correta”, ou “melhor”, que a outra. Ele completa dizendo que “toda variedade linguística é também o resultado de um processo histórico próprio, com suas vicissitudes e peripécias particulares” (BAGNO, 1999, p. 64). Cada comunidade possui sua história, suas necessidades individuais e se adequam a elas. O autor exemplifica em sua obra a ideia errônea de que no Maranhão é o lugar onde se melhor fala o português, devido a algumas proximidades com o português de Portugal. As pessoas tendem a classificar as coisas em melhores e piores, é preciso entender as diversidades da nossa língua, como um grande tesouro da nossa cultura.

A variação linguística está presente em todos os lugares, nenhuma língua é falada da mesma maneira em todos os locais. Nas escolas, existe a prática de querer impor ao aluno que ele fale do mesmo jeito que escreve como se fosse a única maneira correta de falar a nossa língua. Muitos livros e gramáticas desprezam as variações da língua falada e supervalorizam a língua escrita, e tentam padronizar a maneira com que os alunos devem falar. O autor não quer dizer com essa análise que não se deve ensinar aos alunos a ortografia oficial da língua portuguesa, porém não se deve fazer isso tentando uniformizar as pronúncias e o modo de cada comunidade linguística se expressar, cada grupo deve preservar suas características próprias. Bagno analisa: “Quando digo que a escrita é uma tentativa de representação é porque sabemos que não existe nenhuma ortografia em que nenhuma língua do mundo consiga reproduzir a fala com fidelidade” (BAGNO, 1999, p. 70). A relação entre a língua falada e es-

crita precisa ser revista no ensino do português, afinal, a língua falada que aprendemos está no nosso convívio familiar desde quando nascemos e na comunidade em que pertencemos. Ela é um instrumento de sobrevivência e é nela que ocorrem as mudanças que vão transformando a nossa língua.

A gramática normativa menospreza os fenômenos da língua falada e a diversidade linguística do país acaba ficando fora dos livros. As gramáticas foram criadas para registrar e memorizar as “regras” usadas pelos escritores considerados como modelos da sociedade, porém as pessoas esquecem que a língua falada precede a escrita das gramáticas. Na verdade, é ao contrário, a gramática normativa depende da língua. A gramática se tornou um instrumento de poder e de exclusão e com isso há um pensamento irreal de que o que não está na gramática não é português. Bagno destaca a real função da gramática:

A verdadeira utilidade da gramática para os brasileiros seria definir, identificar e localizar os falantes mais letrados, coletar a língua usada por eles e descrever essa língua de forma clara, objetiva e com critérios teóricos e metodológicos coerentes. (BAGNO, 1999. p. 81).

A escola tem o papel de intermediar, incentivar e proporcionar aos alunos a possibilidade de conhecer textos variados e de todos os gêneros e capacitar o aluno a realizar leituras e escrever bem, porém, essa realidade ainda não parece ser democrática. Edgar Morin, um dos principais pensadores da contemporaneidade, em sua obra Cabeça bem-feita repensar a reforma reformar o pensamento mostra a enorme resistência a essa reforma: “A máquina da educação é rígida, inflexível, fechada, burocratizada. Muitos professores estão instalados em seus hábitos e autonomias disciplinares” (MORIN, 2003, p. 99). Apesar da resistência, é preciso acreditar e lutar por essa reforma do pensamento e das instituições, o autor acredita que:

A reforma também começará de maneira periférica e marginal. Como sempre a iniciativa só pode partir de uma minoria, a princípio incompreendida, às vezes perseguida. Depois a ideia é disseminada e, quando se difunde, torna-se uma força atuante. (MORIN, 2003, p. 101)

É comum ouvir que o domínio da norma-padrão é um instrumento de ascensão social, Bagno ironiza quando diz que se realmente esse mito fosse verdade, os professores de português ocupariam o topo da pirâmide social, econômica e política do país. De nada adianta uma pessoa que não tem condições básicas para viver ter o domínio da norma-padrão, pois vai continuar sofrendo preconceitos e não vai subir na vida somente por

conta disso. O domínio da gramática não é uma fórmula mágica como muitos pensam, ela não resolve todos os problemas das pessoas. O que resolve o problema da população carente é o pleno acesso à educação, à saúde, à habitação, ao transporte, ou seja, uma vida decente para qualquer cidadão. Bagno analisa que:

Falar da língua é falar de política, e em nenhum momento esta reflexão política pode estar ausente de nossas posturas teóricas e de nossa atuação concreta como cidadão, professor e cientista. Do contrário, estaremos apenas contribuindo para a manutenção do círculo vicioso do preconceito linguístico e do irmão gêmeo dele, o círculo vicioso da injustiça social. (BAGNO, 1999, p. 92)

O preconceito linguístico é uma grande barreira que deve ser quebrada e melhor propagada nas escolas, através dos escritores e professores da nossa sociedade.

### **3. *Identidade marginalizada***

A questão da identidade vem sendo discutida mais frequentemente, à medida que se percebe as mudanças e as angústias vivenciadas pelo sujeito moderno em diversos contextos, social, cultural, religioso, linguístico e sexual. As ideias e questionamentos trazidos sobre “identidade” e “modernidade” se tornaram importantes para o entendimento dessas transformações sociais e desse novo modo de vida.

A sociedade moderna se diferencia das sociedades tradicionais, pois é dinâmica, traz consigo mudanças, incertezas e com elas as identidades fragmentadas de um sujeito inconstante que tenta encontrar o seu eixo. Observe o que Giddens fala sobre a instituição moderna:

A vida social moderna é caracterizada por profundos processos de reorganização do tempo e do espaço, associados à expansão de mecanismos de desencaixe – mecanismos que descolam as relações sociais de seus lugares específicos, recombina-as através de grandes distâncias no tempo e no espaço. A reorganização do tempo e do espaço, somada aos mecanismos de desencaixe, radicaliza e globaliza traços institucionais preestabelecidos da modernidade; e atua na transformação do conteúdo e da natureza da vida social cotidiana. (GIDDENS, 2002, p. 10)

A globalização é um aspecto fundamental para caracterizar a modernidade e sua passagem para a pós-modernidade, pois muitas vezes interfere no cotidiano das pessoas, na relação com o próprio eu e na relação com o outro, no modo de pensar e agir de cada indivíduo. Boaventura de Souza Santos, doutor em sociologia do direito e conhecido como intelectual das ciências sociais, também mostra o seu olhar sobre a contemporaneidade:

neidade. Segundo o autor nos encontramos em um cenário de sombras e dúvidas, com resquícios do passado e desconfiças do futuro, pois na pós-modernidade as percepções de mundo são ambíguas e complexas, criando novas possibilidades e ao mesmo tempo gerando instabilidade e desconstrução de conceitos até pouco tempo incontestáveis pela ciência. Estamos vivendo uma crise científica, o “desfecho” de uma fase hegemônica, e como toda crise um período de difícil compreensão e aceitação, pois por muito tempo as ciências eram inquestionáveis e indiferentes à realidade e as necessidades do homem e hoje em dia são questionáveis, havendo a perda da confiança dos resultados da ciência por conta da sua fluidez. Observe o que Boaventura diz:

Perdemos a confiança epistemológica; instalou-se em nós uma sensação de perda irreparável tanto mais estranha quanto não sabemos ao certo o que estamos em vias de perder; admitimos mesmo, noutros momentos, que essa sensação de perda seja apenas a cortina de medo atrás da qual se escondem as novas abundâncias da nossa vida individual e coletiva. Mas mesmo aí volta a perplexidade de não sabermos o que abundará em nós nessa abundância. (SOUZA, 2008, p. 47)

Na sociedade contemporânea, a quantidade de informação adquirida pelo homem e a validade dessas informações se desfazem rapidamente em um curto espaço de tempo, o tempo é um fator importante, podendo levar o homem a se hibridizar, pois tudo se agrega e mescla dando a sensação de que se evapora num descuido. O termo hibridismo “trata de um processo de tradução cultural, agonístico uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua imbecibilidade.” (HALL, 2006, p. 71). Já dizia Giddens que a modernidade é considerada uma cultura do risco, ou seja, uma sociedade em processos. O autor reforça essa ideia, pois a vida se tornou bem mais movimentada, as possibilidades são muitas, é preciso fazer escolhas, as dúvidas são constantes e os pensamentos são construídos e desconstruídos com mais rapidez, porém de modo mais reflexivo.

A modernidade evidenciou o distanciamento e as desigualdades socioeconômicas, esse estilo de vida proveniente do capitalismo desenfreado, exclui, segrega, e discrimina grupos sociais periféricos e marginalizados, pois os mesmos sem possibilidades de escolha se excluem do processo de ascensão social. O mundo globalizado e capitalista é um mundo tenso e ambicioso que tem o poder de afetar a vida do ser humano, tudo se torna descartável, pensar em algo durável ou permanente é algo fora da realidade em que vivemos.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

A velocidade da mudança dá um golpe mortal no valor da durabilidade: “antigo” ou “de longa duração” se torna sinônimo de fora de moda, ultrapassado, algo que “sobreviveu à sua utilidade” e portanto está destinado a acabar em breve numa pilha de lixo. (BAUMAN, 2005, p. 80)

É na transição da modernidade para a pós-modernidade que a solidez perde sua forma para a liquidez, principalmente as identidades. Esta nova Era tecnológica, globalizada, sem fronteiras abre novas possibilidades agregando e mesclando culturas antes impenetráveis e os deslocamentos migratórios e a linguagem passaram também a interferir precisamente nestas transformações, ora vista como problemática, ora vista como inclusiva, uma vez que valores, costumes, hábitos e tradições foram compartilhados entre grupos interétnicos que neste mundo globalizado comungam das mesmas diversidades. Observe o que Bauman fala sobre a linguagem:

(...) A linguagem pode nos informar como as coisas são, mas também é uma faca que nos cerca, a nós ao mesmo tempo produtores, usuários e criaturas das palavras, livres das coisas como elas são e da proximidade de sua presença. Usando palavras como fios, podemos tecer telas que não representem realidade de alguma experimentada por nós (...) (BAUMAN, 2006, p. 125)

O indivíduo vai se moldando de acordo com as transformações globais, pois aquele sujeito que tinha uma identidade sólida, que tinha domínio sobre seu próprio eu, hoje, contemporâneo a estas mudanças, não tem mais esse mesmo controle, pois as ansiedades e as insatisfações são maiores e estão atreladas aos constantes acontecimentos que nos cercam e dependendo das circunstâncias assumimos novas identidades. “A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2006, p. 13). A identidade é uma luta constante com o “próprio eu” e a expressão “crise de identidade” expressa que viver no mundo moderno é viver em crise, é ser incoerente, reflexivo e instável. “Essa perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito” (HALL, 2006, p. 9). Nesse sentido, o indivíduo não se desloca em tempo e espaço, mas sim se fragmenta, se encontra e se perde inúmeras vezes dentro de seus pensamentos e desejos mais profundos.

Diz Zygmunt Bauman em seu livro *Globalização - As consequências humanas*, “A globalização tanto divide como une; divide enquanto une”. (BAUMAN, 1998, p. 8). Desta forma pode-se refletir que o indivíduo mesmo cercado de pessoas se sente só, que ao mesmo tempo em que está junto também está separado, que mesmo livre se sente preso, que mesmo conectado com o mundo não se sente inserido nele, que mesmo

estando fisicamente presente viaja sem sair do lugar e que mesmo tendo tudo que deseja quer sempre mais. O capitalismo é um dos grandes responsáveis pelas insatisfações do ser humano, pois o consumismo traz uma felicidade momentânea ou um falso prazer na qual o indivíduo se sente parte do todo, ou seja, as conquistas de hoje se tornam obsoleto no dia de amanhã. O ser humano está sempre buscando se satisfazer através dos bens materiais e precisa disso para se sentir inserido e útil dentro da sociedade que dá mais valor ao ter do que ao ser.

Em meio as mudanças geradas pelo capitalismo e pela globalização, os seres humanos estão sendo deixados de lado, à margem do mundo social. A globalização exclui e é desleal, causando muitas vezes fome, desemprego e muita desordem para inúmeros seres humanos, afirma o sociólogo Bauman. Ela ocasiona sujeira e lixo humano, não há confiança nessa relação, os indivíduos são descartados e trocados de acordo com os interesses econômicos como se não tivesse valor algum para a sociedade.

Bauman confirma essa ideia dizendo que “A vida líquida é uma vida de consumo. Ela projeta o mundo e todos os seus fragmentos animados e inanimados como objetos de consumo.” (BAUMAN, 2009, p. 16). O homem moderno se tornou individualista e por isso não consegue se sentir pleno e contente somente através de suas relações afetivas.

Dessa forma, hoje não se fala mais em identidade rígida e inflexível, mas em identidades, pois as mudanças advindas do mundo moderno e suas implicações na configuração identitária, ressignifica o termo “identidades” que é o resultado da mescla cultural fundida no advento da globalização e do fim das fronteiras culturais. As pessoas não querem mais fixar-se em um único eixo, querem estar abertas a novas possibilidades, pois a sensação é que tudo pode mudar em um piscar de olhos.

#### **4. *Lima Barreto: linguagem e preconceito na literatura***

Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922), morador do subúrbio do Rio de Janeiro, negro e filho de pais pobres sofreu muitos preconceitos ao longo da vida. Aos sete anos de idade a mãe faleceu e o pai precisou trabalhar mais para cuidar dos filhos. Por intermédio de seu padrinho Visconde de Ouro Preto, Afonso pôde estudar em excelentes colégios da cidade, oportunidade que lhe proporcionou uma educação de qualidade e também muitos momentos de desconforto, o relacionamento com os outros alunos não era dos melhores, os mesmos não aceitavam

estudar com um menino negro e, portanto, Afonso se isolava prejudicando seus estudos.

Afonso gostava mesmo era de filosofia e literatura, mas em 1902, precisou se afastar e abandonar a escola politécnica para sustentar e cuidar de seus irmãos, pois o pai havia enlouquecido. Através de um concurso entrou no Ministério da Guerra quando exerceu o cargo de escriturário, possibilitando o sustento da família e a aproximação com a imprensa escrita. Em 1905, começou a trabalhar como jornalista no jornal *Correio da Manhã*. Neste período já escrevia romances e através de alguns meios de comunicação impressos seus textos foram divulgados, seu primeiro livro *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* foi lançado em 1911 no Brasil.

Lima Barreto foi um grande escritor que rompeu barreiras e pensamentos através de seus textos, dentre eles: *O Homem que Sabia Javanês* (1911), *Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915), *Numa e a Ninfa* (1915), *História e Sonhos* (1920), *Diário Íntimo* (1953), *Feiras e Mafuás* (1953), *Coisas do Reino Jambom* (1956), *Vida Urbana* (1956), entre outros. O subúrbio carioca, a sua prática e atuação na imprensa e na literatura, questões sobre identidade nacional, segregação social e racial são alguns assuntos recorrentes em sua obra. As temáticas sociais, os traços e atributos dos personagens e a linguagem simples e coloquial utilizada em suas obras não estavam de acordo com o pensamento da época, sendo assim Lima Barreto não foi aceito na Academia Brasileira de Letras. A escrita de Lima Barreto foi muito criticada e considerada errada e de mau gosto, pois a forma de prestígio e correta usada pelos escritores era a norma culta. Antonio Houaiss foi um dos poucos críticos que não via a escrita de Lima Barreto como problema, pelo contrário, para ele a escrita era um recurso conscientemente usado pelo autor e que enriquecia seus textos realistas.

Lima Barreto não poderá, porém – senão levemente – ser considerado um absentista ou ignorante da problemática da correção e da eficácia da estética da linguagem. E, correto ou incorreto, de bom ou mau gosto, foi incontestavelmente um escritor muito consciente dos móveis e fins, recurso e meios – inscrevendo-se como um dos maiores, senão o maior, dos escritores realistas desta fase crítica de nossa evolução social. E isso com tal riqueza de “comunicação” e de “expressão”, que qualquer orientação gramatical ou estilística se pode comprazer em ver quantas questões queira, ligadas à formulação prática, lúdica, expositiva, silogística, impressiva, expressiva, automática ou trabalhada do problema da arte literária. (HOUAISS, 1956, p. 10)

Lima Barreto foi um grande crítico e escreveu seus textos para demonstrar o que pensava sobre o mundo para de alguma forma despertar a sociedade para outras práticas e reflexões e por isso na época causou grandes insatisfações e muitas opiniões diversas. Sérgio Buarque de Holanda costumava dizer que os personagens e os enredos dos contos, romances e crônicas muito se têm haver com a vida do autor. “A obra deste escritor é, em grande parte, uma confissão mal escondida, confissão de amarguras íntimas, de ressentimentos, de malogros pessoais, que nos seus melhores momentos ele soube transfigurar em arte” (HOLANDA, p. 9, 1956). Nelson Werneck Sodré mostrou outra visão sobre a obra de Lima Barreto, Segundo ele Lima Barreto estava à frente de seu tempo.

A crítica, e até mesmo a análise biográfica, tem permanecido amarrada, pelas suas notórias insuficiências, e pelo seu desinteresse em ir às verdadeiras razões, aos aspectos pessoais, ao que foi individual no romancista carioca, pretendendo demonstrar, com virtuosismo algumas vezes, que a sua maneira de colocar as criaturas e os problemas derivava de tudo o que, nele, era ressentimento. A verdade é muito diversa, entretanto, Lima Barreto realizou, e nisso está precisamente o seu mérito, nisso é que domina as suas insuficiências, uma crítica social muito viva, muito profunda, mostrando em sua ficção as injustiças da sociedade, o que era falso nela, o que era postiço, artificial, o que a deformava. Não procedeu assim porque fosse mulato, doente, pobre e sentisse vontade de vingar-se das injustiças feitas ao seu talento. Procedeu assim porque compreendeu cedo, e o ângulo pessoal apenas ajudou essa compreensão, as anomalias de um conjunto em que a sociedade denunciava a sua transformação, quando repontavam visíveis sinais de mudança. Sentiu a presença do que era novo, com sua apurada e aguda percepção, antes que os outros sentissem. (SODRÉ, 1969, p. 506).

Lima Barreto, considerado escritor da literatura marginal, deixou uma vasta e importante obra para a sociedade, porém mesmo com o trabalho que gostava de realizar a vida de Lima Barreto, rodeado também pela depressão e o alcoolismo não foi tão simples, o mesmo foi internado em um hospício mais de uma vez e faleceu aos 41 anos, sofrendo de um colapso cardíaco. Antes de falecer algumas de suas obras foram apresentadas na Semana de Arte Moderna e ficaram mais conhecidas. O autor deixou sua marca e sua personalidade em seus textos, sua maneira de escrever criou novas possibilidades e influenciou muitos escritores brasileiros, principalmente os modernistas e continua influenciando até hoje.

##### 5. *Considerações finais*

Neste trabalho foi possível refletir sobre o preconceito linguístico fundamentado nos mitos apresentados na obra *Preconceito Linguístico*:

*O que É, Como se Faz*” (1999) de Marcos Bagno. O preconceito linguístico é prejudicial para a sociedade, algumas ideias equivocadas sobre a língua portuguesa já começam a ser disseminadas no ambiente escolar. Na escola a variedade imposta aos alunos é a norma culta estabelecendo-a como uma variedade corriqueira e comum a todos os falantes, excluindo a diversidade do “português brasileiro”, a experiência linguística de cada indivíduo e a oportunidade de conhecer através dos livros didáticos e diferentes fontes literárias a pluralidade linguística do povo brasileiro, a qual faz parte da nossa cultura. No Brasil ou em qualquer lugar não existe apenas uma língua, em nosso país há uma diversidade de variações linguísticas e cada variação atende as necessidades de sua comunidade. Não se pode definir uma língua ou determinadas variações como certa ou errada, melhor ou pior, é preciso conhecer as variações linguísticas, respeitar os falantes, sejam eles mais instruídos ou não e se orgulhar do nosso patrimônio linguístico. A diversidade linguística do nosso país precisa ser reconhecida e valorizada para a melhor organização das políticas sociais junto à população sem prestígio e marginalizada, para que todos os brasileiros, independentemente da posição social, raça, gênero, tenha o domínio da leitura e da escrita tanto da norma culta como das variações da Língua portuguesa. O preconceito sempre fez parte da história do país, atualmente, pode-se dizer que o preconceito é camuflado, porém não deixa de existir, pois em uma sociedade em que as pessoas ressaltam o lado negativo do outro, classificam o outro como diferente e menor, incapaz e sem cultura, as discriminações se tornam cada vez mais intensificadas também geradas pela globalização, pelas incertezas e pela competitividade do mundo pós-moderno.

Hoje em dia ser o que realmente quer ser, viver de acordo com a sua identidade sem ser ofuscado pelo sistema político e social do país é difícil, a sociedade e a mídia influenciam na maneira das pessoas pensarem, falarem e se comportarem. Estamos cercados por regras e nossas identidades são desenhadas constantemente tornando a autenticidade da identidade ainda mais confusa e complexa. Na atualidade as pessoas são pressionadas a todo o momento e por isso se cobram muito, as subjetividades do ser humano estão sendo deixadas para trás, as relações humanas estão se tornando frias e distantes e estão cada vez mais sendo substituídas pela busca pelo consumo de bens materiais. Em meio ao capitalismo, o ser humano está sendo tratado como algo descartável, as pessoas assim como os objetos são trocados facilmente, o homem se transformou em produto, o consumo se tornou uma forma de poder e de exclusão, assim como o lixo é descartado o ser humano também se sente da mesma ma-

neira quando sua identidade e linguagem não são aceitas e respeitadas por todos os brasileiros.

Na literatura encontramos vários escritores importantes que através de sua obra criticavam e denunciavam as práticas da sociedade, prática esta que segrega os pobres e anônimos. Lima Barreto foi um desses escritores a frente de seu tempo que sofreu muitos preconceitos ao longo de sua vida pessoal, devido sua condição social e racial, e profissional por provocar a elite com as temáticas realistas e a linguagem utilizada em sua obra. Lima Barreto com seu modo simples de escrever deu voz ao povo e suas angústias com o propósito de buscar relações de igualdade e de ética e valores para uma sociedade que exclui e desprestigia o outro.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. Preconceito linguístico? Tô fora! In: PINSKY, Jaime. (Org.). *12 faces do preconceito*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

\_\_\_\_\_. *Numa e a Ninfa*. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BAUMAN, Zygmund. *Vida líquida*: Trad.: Carlos Alberto Medeiros. 2. ed. ver. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_. *Mal-estar na pós-modernidade*. Trad.: Mauro Gama, Cláudia Martinelle Gama; revisão técnica Luís Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. *Globalização*. As consequências humanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Prefácio. In: BARRETO, Lima. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 9-19.

HOUAISS, Antonio. Prefácio. In: BARRETO, Lima. *Vida urbana: artigos e crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1956, p. 9-35.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Trad.: Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PINSKY, Jaime. (Org.). *12 faces do preconceito*. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.